

## **BAIRRO SÃO GONÇALO, PELOTAS, RS: ANÁLISE PAUTADA NA VISÃO DOS MORADORES.**

**PAULA NEUMANN NOVACK<sup>1</sup>; GILCIANE SOARES JANSEN<sup>2</sup>; SIDNEY GONÇALVES VIEIRA<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – paulanovack@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – gilciane.jansen@hotmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – sid\_geo@hotmail.com*

### **1. INTRODUÇÃO**

A questão principal da pesquisa está pautada principalmente em analisar a identidade dos habitantes com relação ao bairro São Gonçalo, Pelotas, RS. Esta identificação visa dar ênfase para o sentimento dos habitantes (cidadãos) com relação ao bairro onde residem. Isto porque a caracterização de bairro posta pelo Plano Diretor da cidade é muito diferente da realidade vivida pelos moradores. De acordo com o Terceiro Plano Diretor, os bairros são na verdade regiões administrativas. Por isso a necessidade em avaliar e documentar a visão dos moradores, que na maioria das vezes é desconsiderada e esquecida pelos técnicos que produzem o plano administrativo da cidade.

Para chegar à questão proposta, a pesquisa será dividida em pequenas metas com o objetivo de alcançar um resultado satisfatório que realmente caracterize a identidade dos moradores do bairro em destaque. Para tanto, serão identificados os limites do bairro São Gonçalo. Além disso, será realizada uma caracterização das mesorregiões existentes dentro de tal região administrativa e também uma análise do conhecimento dos moradores com relação à definição de bairro imposta pelo Terceiro Plano Diretor de Pelotas.

### **2. METODOLOGIA**

O método escolhido para aplicação e análise do estudo de caso, é o método regressivo-progressivo do sociólogo Henry Lefebvre. A realidade está hoje no presente, isso proporciona um sentido de simultaneidade ou contemporaneidade da realidade, ou da paisagem num sentido específico. Lefebvre propõe a decomposição da realidade para reeditar nela essa aparente simultaneidade, contemporaneidade da realidade. Essa decomposição da realidade ocorre em dois níveis diferentes, o nível horizontal e o nível vertical. Esta denominação passa a ser utilizada como um método, este é um dos métodos mais ricos que existem para apreender a realidade. Isso porque, parte-se do presente, do real concreto, e não de uma abstração, não se faz nenhuma inferência sobre o que teria ou não existido. Parte-se do que existe de fato. Posteriormente tenta-se compreender as relações sociais de produção que produziram este real concreto.

Além disso, o método trabalha com a dialética, uma das proposições mais ricas da ciência para apreensão do conhecimento. A dialética faz um movimento em direção ao infinito. O ponto zero é a tese, por exemplo, no ponto dois nós temos a antítese e depois a síntese. Mas partindo do pressuposto de que a síntese é uma tese, isso tende a continuar ao infinito. É diferente da lógica formal, de que se tem

uma origem que é a causa e o efeito, que graficamente pode ser representada pelo movimento circular ou também pelo movimento linear, onde a origem e o fim estão previstos.

Trabalha-se nas ciências humanas, e na História, com o movimento linear. A História, na concepção da historiografia tradicional é uma linha-tempo, onde os acontecimentos se dão sucessivamente, um depois do outro naquela linha. E isto proporciona a ideia de evolução, ou seja, tudo o que se tem hoje no mundo é consequência do que se tinha no passado. Neste caso é linear, é causa e efeito na lógica formal. Porém, causa e efeito nem sempre são diretas na realidade, porque o efeito passa a ser uma nova causa, na verdade. Então, a lógica dialética tende a ser uma espiral.

A ideia do concreto para Lefebvre se baseia na dialética. Parte-se do presente, e analisa-se a realidade horizontal. A realidade horizontal se expressa no sentido da visão de horizonte. É a própria concepção de mundo, a expressão corporal, possibilita essa visão horizontal, que nada mais é do que a visão do presente. Portanto, este é o primeiro momento do método proposto por Lefebvre. É um momento puro, rico de descrição, recomendável para analisar o objeto de estudo, fazendo a descrição deste objeto. Mas, não a descrição pura e simples que fazem os geógrafos tradicionais. Esta descrição deve ser pautada não só naquilo que é observado, mas também nos conhecimentos que traz o próprio pesquisador.

A partir disso, se pode datar, a preocupação aqui não é descobrir em que ano aconteceu determinado fenômeno, mas, sim em que relação social de produção está ancorada a este determinado objeto. Nesta datação tenta-se identificar qual relação de produção daquele objeto em determinado momento, se é capitalismo, escravocrata, imperialismo, etc.

Com este movimento regressivo, e agora progressivo, temos a realização da dialética, temos o presente como sendo a tese, a antítese que é a regressão e síntese que é o futuro. Mas logo, o futuro se tornará presente e assim, retorna todo o processo novamente dentro do método Lefebvriano de transformação constante. Trata-se da materialização das relações sociais que contém esta sociedade.

Ainda dentro de uma perspectiva metodológica foram realizadas entrevistas com os moradores do bairro, tendo como objetivo principal identificar o sentimento dos moradores em relação ao bairro.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Através dos dados coletados em campo torna-se possível perceber a dicotomia existente entre o do plano diretor e a visão dos moradores com relação à área do bairro São Gonçalo.

Inicialmente foram realizadas quarenta entrevistas com moradores em diferentes localidades do bairro. As perguntas eram simples e de respostas diretas, trata-se de uma pesquisa qualitativa, que justifica a escolha por perguntas abertas e não um questionário fechado.

A primeira indagação feita aos moradores perguntava sobre o nome do bairro onde mora. Nenhum dos entrevistados respondeu São Gonçalo, as respostas variaram de acordo com as diferentes localidades do bairro, a denominação mais lembrada foi a que corresponde à área do chamado bairro Nossa Senhora de Fátima, na sequência aparecem os bairros Ambrósio Perret e o Navegantes que se subdivide em três partes, os denominados Navegantes I, II e III.

Ainda nessa lista aparecem os bairros Areal e Porto. Existem também outras denominações que são utilizadas dentro dos limites do bairro, dentre elas é possível citar o bairro Cruzeiro e também a área da Balsa. Nenhum dos moradores entrevistados disse que mora nessas localidades, mas citam as mesmas como bairros vizinhos.

Depois de indagar sobre o nome do bairro, perguntamos aos moradores quais eram as localidades próximas à área do seu bairro. As respostas foram diversas, alguns moradores citaram mais de três localidades próximas.

Entre as localidades citadas as que mais aparecem correspondem ao bairro Navegantes e suas subdivisões, em seguida aparece o bairro Balsa, o Porto, o Cruzeiro e ainda o Centro e também o bairro Ambrósio Perret.

Na terceira pergunta da entrevista, os moradores foram questionados com relação ao conhecimento da existência do bairro São Gonçalo. Dos quarenta entrevistados, apenas seis disseram conhecer a denominação. Porém identificaram como São Gonçalo uma pequena área próxima ao canal onde fica o bairro Balsa, de acordo com a opinião e conhecimento dos moradores.

No entanto, não sabiam que o bairro São Gonçalo englobava também as áreas identificadas como bairro Navegantes, Nossa Senhora de Fátima, Ambrósio Perret e outros. Este fator demonstra que os moradores não identificam a área do seu bairro como São Gonçalo.

Quando questionados sobre a identidade relacionada a essa denominação, a maioria dos moradores respondeu que não se identifica com o nome São Gonçalo. Ou seja, vinte e nove entrevistas disseram que não aprovam a nova nomenclatura, por conta da confusão que essa troca pode chegar dentro do bairro. Os comerciantes entrevistados disseram que os nomes dos bairros e das ruas são confusos e que essa mudança poderia gerar mais confusão.

Por outro lado, onze moradores responderam que a unificação de todos os bairros em um só poderia ser uma boa solução para acabar com tantas divisões e confusões visivelmente presentes na área total do bairro.

A última questão da entrevista pergunta aos moradores se eles acham que São Gonçalo seria um bom nome para o seu bairro. Apesar da semelhança com a pergunta anterior alguns moradores que disseram não se identificar com a denominação, responderam que São Gonçalo seria um bom nome para o seu bairro se não interferisse diretamente nos seus limites.

Ao total, vinte e seis moradores disseram que São Gonçalo não seria um bom nome para identificar o bairro. Mas quatorze entrevistados disseram que sim que este seria um bom nome para caracterizar a área.

#### **4. CONCLUSÕES**

Após a realização da pesquisa é possível confirmar a diferença significativa entre a visão dos moradores e a concepção imposta no plano diretor. Os quarenta entrevistados mostraram que não conhecem esta definição de bairro implantada pela administração da cidade.

A partir da análise dos dados podemos dizer que a realidade vivida pelos moradores do bairro não possui relação com as justificativas de criação dessa região administrativa. Isto porque, este grande bairro foi criado com objetivo de unir e criar uma identidade para essa área da cidade que até 2008 não pertencia oficialmente a nenhum grande bairro de Pelotas.

De fato a região administrativa foi criada, mas até o momento não houve nenhuma mudança significativa na vida das pessoas que moram e que produzem o bairro. As mudanças identificadas na área do bairro são relacionadas ao seu crescimento residencial, intensificação da urbanização e de investimentos em empreendimentos imobiliários e comerciais. Atualmente o bairro é visto como uma área de ocupação e de expansão do centro da cidade.

Por fim cabe ressaltar, que os moradores possuem uma concepção bem diferente do que os técnicos que gerenciam a cidade. Para os moradores o local do bairro se caracteriza como o seu lugar de origem, de vivência e de produção de relações.

A valorização do local e da identidade criada e construída no dia-a-dia caracteriza o espaço vivido, destacado na obra de Lefebvre. O bairro não se caracteriza unicamente como um habitat. Mas sim como um local de apropriação e reprodução das relações sociais, ou seja, com o passar do tempo os moradores passam a habitar o lugar onde estão inseridos.

Através da análise das entrevistas fica evidente que não existe uma identidade entre os moradores e a denominação bairro São Gonçalo. Este fator que caracteriza uma discrepância entre o espaço vivido pelos moradores e o espaço concebido estruturado pelos técnicos do plano diretor.

Cabe destacar a importância de documentar e considerar a opinião dos moradores quando se pensa em planejamento. Isto se justifica, porque na verdade quem coloca em prática e executa as ações, são as pessoas que efetivamente pesam e produzem as relações sociais na cidade ou em qualquer outra dimensão espacial.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (re) produção do espaço urbano**. São Paulo: EDUSP, 1994.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- LEFEBVRE, Henri, **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Humanitas, 2002.
- VIEIRA, Sidney Gonçalves. **A cidade fragmentada**. Pelotas: Editora da UFPEL, 2005.
- VIEIRA, Sidney Gonçalves. **A fragmentação social do espaço urbano. Uma análise da (re) produção do espaço urbano em Pelotas, RS**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PROPUR/FAUrb/UFRGS, 1997.